



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA *CAMPUS* – PEDREIRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

**YASMIM SOUSA LEITE PAIVA**

**O NORDESTE NA POESIA DE CORDEL DE PATATIVA DO ASSARÉ:** cultura  
popular e identidade regional

PEDREIRAS-MA  
2025

**YASMIM SOUSA LEITE PAIVA**

**O NORDESTE NA POESIA DE CORDEL DE PATATIVA DO ASSARÉ:** cultura  
popular e identidade regional

Monografia apresentada ao Curso de Letras da  
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA  
*Campus* Pedreiras para obtenção de grau em  
Letras Licenciatura.

Orientador (a): Prof.(a). Esp. Ruth Jonielle  
Carvalho Novais de Sousa Leite

PEDREIRAS-MA  
2025

Paiva, Yasmim Sousa Leite.

O nordeste na poesia de Patativa do Assaré : cultura popular e identidade regional / Yasmim Sousa Leite Paiva. – Pedreiras – MA, 2025.

43 f.

Monografia (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, 2025.

Orientadora: Profa. Esp. Ruth Jonielle Carvalho Novais de Sousa Leite

1. Cultura popular. 2. Identidade nordestina. 3. Literatura de cordel. 4. Oralidade. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)

**Elaborado por Luciana de Araújo – CRB 13/445**

**YASMIM SOUSA LEITE PAIVA**

**O NORDESTE NA POESIA DE CORDEL DE PATATIVA DO ASSARÉ: cultura  
popular e identidade regional**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da  
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA  
*Campus* Pedreiras para obtenção de grau em  
Letras Licenciatura.

Aprovado em: 23/12/2025

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente



**RUTH JONIELLE CARVALHO NOVAIS DE SOUSA**  
Data: 14/01/2026 21:48:52-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Orientadora: Profa. Esp. Ruth Jonielle Carvalho Novais de Sousa Leite  
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Documento assinado digitalmente



**RONDINEY DE SOUZA ALVES**  
Data: 14/01/2026 19:11:55-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Me. Rondiney de Souza Alves  
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Documento assinado digitalmente



**ANNY GABRIELLY ARAUJO DOS SANTOS**  
Data: 15/01/2026 09:47:14-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profa. Esp. Anny Gabrielly Araujo dos Santos  
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pois Ele é a base que sustenta minha vida e a força que me guia diariamente; sem Ele, nada seria possível. Quero agradecer aos meus pais, Gizélia Sousa Leite Paiva e Antônio Santos Paiva. Deixo minha eterna gratidão e meu muito obrigada pelo amor incondicional, pelo apoio em todos os momentos e por acreditarem em mim. Vocês são meu alicerce e minha maior inspiração. Aos meus irmãos, André Luís e Anderson Leite, agradeço pelo apoio e pela compreensão.

Estendo minha gratidão aos meus avós paternos (*in memoriam*), estes que deixaram lembranças que permanecem vivas em meu coração. Aos meus avós maternos, Maria do Socorro Sousa Leite e Gildásio Sousa Leite, que foram a chama para o nascimento desta temática, agradeço pela força, simplicidade e sabedoria. Suas histórias de vida no campo, marcadas por coragem e resistência, despertaram em mim o orgulho dessa caminhada vivida por eles, pelos meus pais e por tantos nordestinos que carregam no peito o amor por suas raízes.

Agradeço também aos meus padrinhos, especialmente Aldenoura Campelo Lima e Maciel Sousa Leite, por todo o carinho e incentivo ao longo da minha jornada. Aos meus primos, com afeto especial a Jardel Lima Leite, sou grata pelas palavras de encorajamento, pelo apoio sincero e pela presença amiga.

Meu agradecimento aos meus amigos Letícia Cavalcante e Carlos Eduardo, que estiveram comigo não apenas nos desafios acadêmicos, mas também nos pessoais. Deixo aqui meu reconhecimento mais sincero: obrigada por serem abrigo, companhia e força quando precisei. Às minhas colegas de curso, em especial Aimê Lima e Rosa Alice, agradeço por cada conversa, cada estudo compartilhado e cada momento que tornou essa jornada mais leve e significativa dentro da universidade.

Por fim, deixo meu agradecimento especial à minha orientadora, Ruth Jonielle, exemplo de profissional dedicada e inspiradora, que exerce seu trabalho com amor e compromisso. Sou imensamente grata pela paciência e por cada orientação que guiou meus passos ao longo desta caminhada.

A todos vocês, meu sincero agradecimento.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar como as poesias de Patativa do Assaré representam a cultura popular e a identidade regional nordestina, especialmente por meio dos poemas, *Vida Sertaneja*, *Sou Cabra da Peste* e *Cante Lá que Eu Canto Cá*. A pesquisa fundamenta-se em autores como Câmara Cascudo, Lígia Chiappini, Stuart Hall e Antonio Candido, que articulam conceitos de cultura, oralidade e identidade. A Literatura de Cordel, trazida ao Brasil pela tradição ibérica e consolidada no Nordeste, constitui-se como expressão artística marcada pela oralidade, pela linguagem simples e pela função social de preservar saberes populares. Nesse contexto, Patativa do Assaré destaca-se como uma das vozes mais representativas da cultura nordestina, retratando em seus versos o cotidiano do sertanejo, suas lutas, crenças, trabalho, fé e resistência frente às adversidades. A análise dos poemas evidencia elementos culturais e históricos que compõem a identidade nordestina, como a vida no campo, as festas e tradições, a religiosidade popular, a linguagem regional e o orgulho de pertencimento. Observa-se que Patativa constrói uma poesia que transcende o regionalismo descritivo, oferecendo uma visão crítica da realidade social, denunciando desigualdades e valorizando a sabedoria do povo simples. Sua obra reafirma a importância da oralidade e da memória coletiva como bases da identidade cultural, conforme os pressupostos de Hall (2006) e Candido (2006). Dessa forma, conclui-se que a poesia de Patativa do Assaré atua como instrumento de resistência cultural, reafirmando o lugar do sertanejo como protagonista de sua própria história e fortalecendo a literatura de cordel como patrimônio cultural brasileiro. Sua produção permanece viva e contemporânea, transmitindo valores, tradições e sentimentos que caracterizam o Nordeste como espaço de luta, dignidade e pertencimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Patativa do Assaré; Cultura popular; Identidade nordestina; Literatura de cordel; Oralidade.

## ABSTRACT

This undergraduate thesis aims to analyze how the poetry of Patativa do Assaré represents Northeastern Brazilian popular culture and regional identity, focusing on the poems *Vida Sertaneja*, *Sou Cabra da Peste* and *Cante Lá que Eu Canto Cá*. The research is grounded in theoretical contributions by authors such as Câmara Cascudo, Lígia Chiappini, Stuart Hall, and Antonio Candido, articulating concepts of culture, memory, orality, and identity. The literatura de cordel, brought to Brazil through Iberian tradition and consolidated in the Northeast, is an artistic expression marked by orality, simple language, and a strong social function in preserving popular knowledge. In this context, Patativa do Assaré stands out as one of the most representative voices of Northeastern culture, portraying in his verses the daily life of the sertanejo, his struggles, beliefs, labor, faith, and resilience in the face of adversity. The analysis of the selected poems reveals cultural and historical elements that shape Northeastern identity, such as rural life, festivities and traditions, popular religiosity, regional language, and the pride of belonging. Patativa's work transcends descriptive regionalism, providing a critical view of social reality, denouncing inequalities, and valuing the wisdom of common people. His poetry reaffirms the importance of orality and collective memory as foundations of cultural identity, in line with the theoretical perspectives of Hall (2006) and Candido (2006). Thus, the study concludes that Patativa do Assaré's poetry functions as an instrument of cultural resistance, reinforcing the role of the sertanejo as a protagonist of his own history and strengthening cordel literature as an essential element of Brazilian cultural heritage. His work remains alive and relevant, transmitting values, traditions, and sentiments that characterize the Northeast as a space of struggle, dignity, and belonging.

**KEYWORDS:** Patativa do Assaré; Popular culture; Northeastern identity; Cordel literature; Orality.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>8</b>
<b>2 PANORAMA DA LITERATURA DE CORDEL</b> .....	<b>10</b>
2.1 Características e estética formal .....	14
2.2 Função Social .....	15
2.3 Resistência cultural do cordel.....	17
<b>3 PATATIVA DO ASSARÉ: a voz do Nordeste</b> .....	<b>20</b>
3.1 Principais influências artísticas e culturais.....	21
3.2 Patativa e a preservação da memória e identidade nordestina.....	24
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	<b>27</b>
<b>5 REPRESENTAÇÕES DO NORDESTE NA POESIA DE PATATIVA DO ASSARÉ</b> .....	<b>29</b>
5.1 Vida sertaneja: o cotidiano regional e religiosidade.....	29
5.2 Sou cabra da peste: orgulho regional e resistência cultural.....	32
5.3 Cante lá que eu canto cá: diálogo entre oralidade e identidade popular.....	34
5.4 Síntese de elementos culturais sociais e histórico nas poesias .....	39
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Historicamente a Literatura de Cordel é uma tradição oral trazida pela colonização portuguesa que se propagou pelo Brasil principalmente na região do nordeste no início do século XIX, onde encontrou um ambiente fértil para se desenvolver e adquiriu características próprias, profundamente conectada à realidade nordestina, tornando-se, assim, um dos maiores meios de representação da cultura popular do Nordeste.

Nesse contexto, a região nordestina é marcada por uma rica diversidade cultural, histórica e linguística, que ao longo dos séculos construiu uma identidade profundamente enraizada nas tradições populares. Entre as manifestações que expressam essa herança, a poesia de cordel ocupa lugar de destaque. Em versos rimados, retrata temas como a seca, o cangaço, a religiosidade, as festas e os desafios da vida no sertão, compondo narrativas que dão visibilidade às experiências e ao imaginário coletivo da região. Assim, a cultura popular nordestina revela-se não apenas na preservação de costumes e narrativas tradicionais, mas também na capacidade de se reinventar e de manter viva a memória de seu povo.

Esta pesquisa propôs analisar as poesias, *Sou cabra da peste*, *Vida sertaneja* e *Cante de lá, que eu canto cá*, de Patativa do Assaré como instrumento de construção e expressão da identidade nordestina, investigando como suas obras refletem a realidade social e cultural da região, não apenas retrata as dificuldades enfrentadas pelo sertanejo como a seca, a pobreza e a migração, mas também exalta valores, saberes populares e a resiliência de seu povo, além disso, Patativa articula em suas obras o passado e o presente permitindo que a voz do sertão se mantenha viva diante das transformações sociais.

Nessa perspectiva, foram destacados os seguintes questionamentos: Como o povo nordestino é representado nas poesias de Patativa do Assaré? E Qual é a importância do poeta popular para a valorização identitária e da cultura regional? Este estudo tem por objetivo analisar de que forma a Literatura de Cordel de Patativa representa a cultura popular nordestina e contribui para construção e afirmação da identidade regional. Para alcançar esse propósito, a pesquisa orientou-se por três objetivos específicos: analisar como o cordelista representa a identidade nordestina e os valores do povo sertanejo em seus cordéis; identificar as características e a linguagem utilizadas na construção de suas obras e explicar os aspectos culturais e históricos da cultura popular nordestina presentes em suas poesias.

O estudo justifica-se por apresentar uma grande relevância acadêmica e social, pois consiste na capacidade de dar voz sobre a vertente literária que é constantemente excluída do cânone acadêmico, pelo qual não tem seu devido reconhecimento dentro das universidades e escolas como as outras literaturas. No entanto é importante que reconheça que essa literatura de cordel faz parte do patrimônio cultural brasileiro, elemento fundamental para a compreensão da diversidade cultural do país.

Para alcançar tais objetivos a pesquisa adota uma abordagem de caráter bibliográfico e qualitativo, valendo-se de artigos acadêmicos, teses, dissertações e obras literárias que tratam tanto da produção de Patativa quanto do universo da literatura de cordel. Fundamentam-se as análises em autores como Câmara Cascudo (1968), Lígia Chiappini (1995), Stuart Hall (2006) e Candido (2012), cujas contribuições teóricas oferecem subsídios relevantes para a compreensão da dimensão identitária e cultural presente nas obras do poeta.

Com o intuito de assegurar maior clareza e coesão, esta pesquisa encontra estruturada inicialmente pela introdução que faz um apanhado geral acerca da temática, no primeiro capítulo, panorama da literatura de cordel, será apresentado o surgimento, a origem e a consolidação do cordel no Brasil, bem como seu papel cultural e social no Nordeste e no país.

## 2 PANORAMA DA LITERATURA DE CORDEL

A Literatura de Cordel é uma das manifestações mais relevantes da cultura popular brasileira, especialmente no Nordeste, onde consolidou-se como forma de registro, transmissão e preservação da memória coletiva é uma expressão viva da cultura popular, marcada por uma profunda conexão entre oralidade e escrita.

A origem do cordel remonta às folhas volantes e aos manuscritos provenientes de Portugal, que, desde o final do século XVI, circulavam pelo Nordeste brasileiro. Não há registro de outro documento de tamanha relevância para o estudo da continuidade da literatura tradicional ibérica. Márcia Abreu (1993), os chamados folhetos volantes. Era impressas em tipografias rudimentares, que tratavam de lendas medievais, milagres, histórias de santos, batalhas e romances de cavalaria.

A produção dos folhetos era feita com materiais de baixo custo, papéis de qualidade inferior, impressão simples e sem ilustrações, e quando apresentavam eram gravuras reaproveitadas, essa simplicidade reduzia os custos e permitia impressões relativamente altas.

No entanto a veiculação dos folhetos era tratada como mercadoria subsidiária, vendida onde houvesse maior fluxo de pessoas possibilitando assim, que os folhetos fossem comprados eventualmente em locais abertos como em feiras, praças, igrejas, mercados, onde vendedores ambulantes ou livreiros populares exibiam os folhetos.

Logo após, essa tradição chegou ao Brasil por volta do século XIX, ganhou força especialmente no Nordeste, também adquiriu novas cores e novos temas como, os romances populares, os desafios da vida cotidiana e até críticas sociais que passaram a ser contados, diferente da Europa, onde os folhetos apresentavam caráter religioso ou informativo, no Brasil o cordel ganhou uma identidade própria, profundamente ligada à realidade social, cultural e cotidiana do povo nordestino.

Como afirma, Marcia Abreu, que apesar do cordel ter raízes ibéricas, mas se reinventou no Brasil como um espaço de resistência e identidade cultural, justamente nesse processo de transformação que ele se torna um marco da cultura nordestina e um símbolo da literatura popular meramente brasileira.

Parafraseado, Márcia Abreu, (1993.p.109), cujo afirma que durante o período (1769 a 1886) foi um momento coberto por pedidos de licença a comercialização de livros, principalmente na época anterior à vinda da família real para o Brasil. Lord

Macartney, viajante inglês que visitou o Rio de Janeiro em 1793, diz ter conhecido apenas uma livraria que vendia livros religiosos e de medicina, Ferdinand Denis, que esteve no Rio de Janeiro em 1817, registra a existência de somente quatro livrarias.

Além do número ser reduzido, há o fato de que livraria neste contexto não significava, obrigatoriamente, uma loja especializada em vender apenas livros, mas também era um estabelecimento onde se vendia mercadorias variadas como tecidos, chapéus, velas etc. Uma vez que os livros não ocupariam, necessariamente, a parte mais importante do negócio.

O cordel percorreu redes informais a venda encontrou um público tanto comprador quanto ouvinte e se beneficiou do cenário inaugurado em 1808, que ampliou a impressão e a circulação contudo, sem resolver de imediato as limitações estruturais do mercado. Entender esse processo ajuda a explicar por que o cordel pôde persistir e se adaptar, primeiro como importado, depois, com a produção local mesmo num ambiente editorial ainda em formação.

Essa falta de dados é agravada pelo fato de que o mercado editorial e livreiro no Brasil era ainda bastante precário nesse período, especialmente antes da chegada da família real portuguesa em 1808, que impulsionou o desenvolvimento cultural e comercial tanto dos folhetos como dos livros no país.

Conforme Abreu afirma que:

A chegada da Corte portuguesa ao Rio, em 1808, modificou em parte este quadro. No mesmo ano foi inaugurada a Imprensa Régia, que deteve o monopólio das impressões até 1822. Ela foi responsável, em 1815, pela primeira edição brasileira da História da Donzela Teodora. Anteriormente, os únicos textos de literatura publicados foram Marília de Dirceu, em 1810, O Uruguai, Paulo e Virgínia e Obras Completas de Bocage, em 1811.<sup>2</sup> Com a chegada da corte, começam a surgir livrarias na acepção atual do termo vendendo tanto publicações brasileiras como de Portugal (Abreu, 1993, p.109).

Com base nisso, a corte portuguesa, representou um marco decisivo para a história da impressão e do comércio de livros no Brasil. Até então, a circulação de obras era extremamente restrita e dependente quase exclusivamente das importações vindas de Portugal, entre as primeiras edições realizadas, destacam-se Marília de Dirceu (1810), O Uruguai, Paulo e Virgínia e as Obras Completas de Bocage (1811), além da História da Donzela Teodora (1815), considerada a primeira edição de literatura de cordel impressa em território brasileiro.

Já nas últimas décadas do século XIX, a literatura popular impressa começou a ganhar forma no Brasil, quando poetas passaram a publicar em tipografias seus poemas, até então transmitidos principalmente pela oralidade. Os primeiros folhetos eram impressos em gráficas de jornais ou em estabelecimentos que faziam trabalhos sob encomenda, com o passar do tempo, precisamente no final da década de 1910, alguns poetas tornaram-se proprietários de tipografia o que fortaleceu o processo editorial dos folhetos.

Como cita Abreu (1993, p.165):

Nas últimas décadas do século passado alguns poetas populares começaram a dar forma impressa às composições orais. Segundo Ruth Terra 7, os primeiros folhetos eram impressos em tipografias de jornal ou naquelas que faziam serviços por encomenda. No final da década de 10, poetas populares começaram tornar proprietários de impressoras e, a partir de 1918, a publicação de folhetos passou a ser praticamente uma exclusividade destas. Até 1930, vinte tipografias dedicavam-se à impressão de folhetos, principalmente no Recife e na Paraíba 8, os dois grandes centros de produção e publicação de onde saía a maioria dos textos que abasteciam outras regiões.

A produção desses materiais passou a ser praticamente exclusiva das tipografias até 1930, havia cerca de vinte gráficas dedicadas à impressão de folhetos, concentradas sobretudo em Recife e na Paraíba, que se transformaram em grandes polos de publicação, expandindo-se, por outras regiões e alcançando também a Amazônia, impulsionada pela migração de nordestinos em razão das secas do início do século XX. Na Bahia, por exemplo, os folhetos só começaram a circular em 1925, por intermédio de agentes revendedores ligados à editora de João Martins de Athayde.

Assim como as outras literaturas que ganharam força em outros locais o cordel não foi diferente, um dos centros de produção, foi a Bahia onde começou a ganhar grande destaque, graças a nomes como Rodolfo Coelho Cavalcante, considerado o grande líder desse gênero. Nessa época, os cordéis estavam voltados principalmente para narrativas religiosas e heroicas, como história da donzela Teodora, Carlos Magno e os doze Pares de França e O imperador Roberto do diabo.

Diante disso, a geração seguinte, como autores como Cícero Vieira da Silva, José João dos Santos (Mestre Azulão) e João Firmino Cabral, enfrentou crises econômicas e falta de renovação, levando alguns estudiosos a declararem a morte da literatura de cordel nos anos de 1980, diante disso, o cordel precisou se reinventar.

Contudo, o gênero resistiu e ressurgiu na década de (1990), impulsionado por uma nova geração de cordelistas, esses autores mantiveram a tradição clássica, mas também incorporaram inovações, expandindo a poesia popular para a literatura infantil e juvenil e inserindo-a nos espaços escolares, garantindo que o cordel continuasse vivo e relevante para novas gerações.

Conforme Haurelio (2023), alguns estudiosos com tendências paternalistas a apregoarem, no fim dos anos 1980, a morte da Literatura de Cordel. Mas o cordel, felizmente, não morreu. E ressurgiu forte, na última década do século XX, graças a uma nova geração que soube preservar a temática tradicional, ao mesmo tempo que, aceitando novos desafios, incorporou a poesia popular à literatura infantil e juvenil, levando-a para a sala de aula.

Entre outros pioneiros que se consolidaram a literatura de cordel no Brasil, nome que merece destaque que é considerado “pai do cordel”, Leandro Gomes de Barros, Embora não tenha sido o primeiro a escrever cordéis, destacou-se por sistematizar a produção literária popular, reunindo temas e estilos dispersos em obras estruturadas. Sua atuação estabeleceu referências duradouras e tendências que ainda influenciam a literatura de cordel contemporânea.

Segundo Haurelio, embora não tenha sido o primeiro cordelista brasileiro, é consagrado como o “pai do cordel” por seu papel de sistematizador do gênero. Sua produção reuniu, de maneira inédita, temáticas e formas literárias até então dispersas, consolidando-as em uma obra de caráter monumental. A partir de sua contribuição, definiram-se diretrizes estéticas que se tornaram referenciais e permanecem influentes na tradição do cordel até a atualidade.

Sua atuação não apenas ampliou o repertório do cordel, como também estabeleceu caminhos e tendências que serviram de referência para os cordelistas das gerações seguintes. Além disso, ele foi responsável por impulsionar a profissionalização do gênero, utilizando a tipografia para imprimir e difundir seus folhetos em grande escala, o que contribuiu para popularizar a Literatura de Cordel em diferentes regiões do Brasil. Dessa forma, sua obra não só consolidou o cordel como manifestação cultural, mas também definiu um modelo que permanece influente até os dias atuais.

Outro nome importantíssimo que merece destaque e que fez grandes contribuições para literatura de cordel, o autor Ariano Suassuna, um dos principais representantes do Movimento Armorial, fortemente ligada a influência da Literatura de Cordel. Esse movimento buscava valorizar a cultura popular nordestina, unindo à

erudição e o cordel desempenhando um papel fundamental nessa tanto pela estética quanto pelos temas retratados.

O que se confirma com a citação de Seabra (2023 p. 41):

Ariano Suassuna é um dos escritores mais importantes do Movimento Armorial, e seu trabalho é marcado pela incorporação de elementos da cultura popular nordestina, incluindo o folheto de Cordel. Em suas peças teatrais e romances, é possível identificar a presença de técnicas e temas típicos do Cordel, como a linguagem regional, a narrativa em verso, a estruturação em estrofes e a temática da vida sertaneja.

Assim, Ariano Suassuna é reconhecido como um dos escritores mais importantes do Movimento Armorial, cujo objetivo era valorizar a cultura popular nordestina e integrá-la a formas artísticas eruditas. Em sua produção literária, especialmente nas peças teatrais e romances, observa-se a forte presença da Literatura de Cordel, um dos principais elementos da tradição cultural do Nordeste.

Essa influência se manifesta de diferentes maneiras, como no uso da linguagem regional, que confere autenticidade e proximidade ao modo de falar do povo sertanejo, e na construção poética de sua narrativa, muitas vezes marcada pelo ritmo cadenciado e pelo uso de versos. Dessa forma, Ariano Suassuna conseguiu unir a tradição popular e a literatura erudita, elevando o cordel a um patamar de reconhecimento nacional e internacional, sem perder sua essência.

Nessa perspectiva, o cordel apresenta relevância literária, conquistou reconhecimento oficial em 2018, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o qual declarou a literatura de cordel como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, um marco importante para garantir sua preservação e valorização dessa literatura. Portanto esse marco representou não só a valorização da tradição, mas também uma política de preservação que garante visibilidade e proteção institucional a essa forma de expressão, esse reconhecimento também amplia a discussão sobre o lugar do cordel na história da literatura brasileira.

## **2.1 Características e estética formal**

Os poetas populares costumam afirmar que o cordel se equilibra em um tripé que o caracteriza e, de certo modo, o define. Esse tripé é composto por métrica, rima e oração. Métrica e rima dispensam definição. Haurélio (2013), essa estrutura contribui

para a musicalidade dos versos que facilita a recitação o que reforça a tradição oral pertencente a esse gênero.

Dentre essas características marcantes desse gênero, a linguagem utilizada se trata de uma forma simples e acessível que dialoga diretamente com o cotidiano popular o que proporciona uma identificação desse público com o texto. Do ponto de vista estrutural, o cordel brasileiro é um gênero textual que tem como característica a narrativa poética, com versos em redondilha maior, com as estrofes podendo ter seis, sete ou dez versos, com rima soante, linguagem clara e direta (Neves, 2018).

O conteúdo dos folhetos apresenta estética visual, as capas são feitas por ilustrações utilizadas técnicas de impressão em madeira chamada xilogravura. Essas ilustrações geralmente são produzidas em preto e branco, pois costumam ser esculpidas em blocos de madeira e posteriormente impressas no papel, criando imagens de grande impacto visual que complementam e reforçam o conteúdo narrativo (Santana, 2025).

Ou seja, essas imagens enriquecem o aspecto visual dos folhetos, além de fazer uma síntese da história que está sendo apresentada, contribuindo, assim para a expressividade da obra. Essa prática validou-se ao cordel um caráter visual que dialoga diretamente com o imaginário popular, reforçando seu poder de comunicação. Diante disso, as capas xilogravadas se tornaram, parte fundamental da identidade do gênero, incorporando um valor artístico e autenticidade.

Portanto, a Literatura de Cordel exerce um papel social significativo, funcionando como uma importante ferramenta de afirmação da identidade cultural nordestina ao narrar histórias do cotidiano, lendas, fatos históricos e conflitos sociais, o cordel aproxima a população das próprias tradições locais. Essas características fortalecem o cordel como uma forma legítima de produção literária brasileira, destacando sua riqueza temática e estilística.

## **2.2 Função Social**

A Literatura de Cordel desempenha um papel fundamental na transmissão, preservação e renovação da cultura popular brasileira, especialmente na região do Nordeste. Sua função social fica evidente ao manter viva a memória coletiva, passando de geração em geração saberes, costumes, lendas, mitos e até mesmo a maneira de falar, que faz parte da identidade regional.

Ao retratar o cotidiano, as crenças, festas, religiosidade e as dificuldades do povo, o cordel serviu durante muito tempo como ferramenta de alfabetização em comunidades com pouco acesso à educação. Trata-se de um gênero que apresenta uma linguagem simples e acessível, repleta de reflexões morais e lições de vida, tornando-se um importante meio de aprendizagem.

Conforme Neves (2008):

Outro papel importante exercido pela literatura de cordel diz respeito a sua função como auxiliar de alfabetização. Sabe-se que incontáveis nordestinos carentes de alfabetização aprenderam a ler deletreando esses livrinhos de feira, através de outras pessoas alfabetizadas. Numa época em que as cartilhas de alfabetização eram raras e não chegavam gratuitamente ao homem rural, o folheto de cordel cumpria espontaneamente essa alta missão social (Melo, 1982, p. 08. *apud* Neves, 2008, p.61).

Nessa perspectiva se destaca que na época em que o acesso à educação formal era limitado, especialmente em áreas rurais do Nordeste, muitas pessoas não tinham oportunidades de aprender a ler ou escrever, as cartilhas de alfabetização eram raras e não chegavam gratuitamente às mãos dos trabalhadores rurais, nesse contexto, o cordel cumpria uma função educativa.

Segundo Silva (2023), o cordel desempenha função educativa e de informar, historicamente, possibilitando que muitos aprendizes adquirissem leitura e escrita de forma lúdica e acessível, pois muitas vezes, em regiões onde os meios de comunicação eram escassos e o acesso à escola era limitado.

Além do mais, os folhetos também atuavam como meios de comunicação, noticiando sobre política e divulgando acontecimentos locais e regionais de forma cômica. Tornaram-se, assim, o jornal do povo, transmitindo informações de forma popular, criativa e poética, assegurando que os elementos culturais sejam transmitidos em diferentes gerações, reforçando o sentimento de pertencimento regionalista.

A respeito da função do cordel na sociedade, Silva (2007, p. 42, *apud* Silva, 2023, p. 21) descreve algumas de suas peculiaridades: “O cordel busca transmitir informações ao público por meio de uma linguagem marcada pela oralidade e por recursos expressivos como humor, sarcasmo e ironia”. Caracteriza-se pelo uso de um estilo coloquial, acompanhado de rimas e métricas que reforçam seu caráter popular. Além disso, apresenta grande diversidade temática, abordando assuntos políticos, religiosos, folclóricos, históricos, sociais, entre outros.

Segundo Silva (2007), algumas peculiaridades do cordel o diferenciam da literatura convencional, ele busca informar de maneira leve e divertida, utilizando-se da oralidade como elemento central. É uma tradição literária de caráter regional e popular, distinta da literatura oficial, geralmente associada aos livros impressos de circulação acadêmica ou erudita.

Possui uma linguagem coloquial, próxima da fala popular, o que reforça seu caráter inclusivo e comunicativo. Logo, os conteúdos são diversificados como nos âmbitos políticos, religiosos, sociais, históricos, folclóricos, amorosos, entre outros. Portanto, o cordel se configura como uma forma de literatura dinâmica, crítica e acessível, capaz de preservar tradições, formar opiniões e educar por meio da arte da palavra.

### **2.3 Resistência cultural do cordel**

A Literatura de Cordel, típica do Nordeste brasileiro, representa um fenômeno cultural singular, cuja existência se mantém firme frente às mudanças sociais, tecnológicas e econômicas. Denominada assim por ser tradicionalmente vendida em folhetos pendurados em cordas nas feiras populares, essa forma de expressão artística cumpre um papel que transcende a simples função literária é instrumento de memória histórica, crítica social e resistência cultural.

Além de narrar histórias de heróis, figuras lendárias, acontecimentos históricos, problemas sociais e cotidianos do povo, atua como um canal de preservação da identidade regional. Por meio de sua oralidade e popularidade, perpetua tradições e valores que, de outra forma, poderiam ser marginalizados ou esquecidos. Cada verso, rimado e metrificado, traduz não apenas criatividade poética, mas também a vivência de comunidades historicamente excluídas de grandes centros de poder e decisão cultural.

Diante disso, a resistência cultural do cordel se manifesta, sobretudo, na forma como ele enfrenta a padronização cultural e a globalização, mesmo diante do predomínio dos meios de comunicação de massa, como a televisão a internet, os cordelistas continuam produzindo e difundindo seus folhetos, muitas vezes adaptando suas narrativas para novas mídias sem perder a essência popular e regional.

Segundo Silva (2023) afirma que atualmente, a tecnologia e os meios de comunicação de massa, como a televisão e as redes sociais, encontram-se em permanente transformação. Nesse cenário, o folheto, agora também disponibilizado

em formato digital, mantém sua função de informar e entreter o público, tal como ocorria com o cordel tradicional que, há algumas décadas, figurava entre os principais recursos de comunicação no interior nordestino.

Nesse cenário, a autora destaca que, embora a tecnologia e os meios de comunicação de massa, como a televisão e as redes sociais estejam em constante evolução, o cordel não perdeu sua função cultural, os folhetos de cordel que antes propagava apenas em formato impresso, vendido em feiras e mercados, hoje também está disponível no formato digital, alcançando um público ainda maior.

Isso significa que o cordel mantém suas funções tradicionais de informar, educar, criticar e divertir, mas agora adaptado às novas mídias. Assim como no passado era um dos poucos canais de comunicação acessíveis para o povo do sertão, hoje continua sendo uma forma de resistência cultural e de preservação da identidade nordestina, só que inserido no cenário global da comunicação digital.

Sendo assim, a Literatura de Cordel, configura-se como um dos mais significativos fenômenos de resistência cultural do país, originada no contexto da tradição oral e posteriormente escrita, impressa em folhetos seu conteúdo reflete a realidade social e cultural das comunidades em que se insere, mas também atua como instrumento de preservação de memórias, valores e identidades historicamente marginalizadas.

A resistência cultural do cordel se manifesta de diversas formas, a priori pelo seu caráter popular e acessível os folhetos são distribuídos em espaços públicos, muitas vezes a preços simbólicos, permitindo a democratização do acesso à literatura. Em seguida, pela permanência da oralidade e da tradição narrativa, que se adapta às transformações sociais sem perder sua essência.

Os cordelistas contemporâneos incorporam elementos da Internet, redes sociais e novas linguagens evidenciando a capacidade do gênero de dialogar com diferentes gerações e contextos sem comprometer sua autenticidade. Conforme observa a Fundação Casa de Rui Barbosa, a Literatura de Cordel é uma manifestação cultural, que historicamente se caracteriza pela publicação em folhetos impressos e pela oralidade em feiras e festas, agora encontra novos meios e formas de expressão através das plataformas digitais.

Segundo Melo e Machado (2004, *apud* Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014, p. 07), a Literatura de Cordel deixou de se limitar ao formato impresso e passou a circular em novas mídias, ampliando sua visibilidade para além do espaço regional. Nessa perspectiva, o cordel afirmar sua resistência cultural ao transformar

acontecimentos cotidianos e históricos em poesia, reinterpretando a realidade e desafiando estruturas de poder. Assim, mais que expressão artística, o cordel configura-se como espaço de agência política e cultural, reafirmando a legitimidade e a autonomia da cultura popular.

### 3 PATATIVA DO ASSARÉ: a voz do Nordeste

Antônio Gonçalves da Silva, conhecido artisticamente como Patativa do Assaré, reconhecido tanto pelo público simples quanto pela crítica literária acadêmica, seu nome “Patativa”, faz referência a uma ave típica do sertão simbolizando a naturalidade do seu talento de cantar, além de transformar suas experiências da vida nordestina em poesia.

Nasceu em 5 de março no ano de 1909, no sítio Serra de Santana, localizado no município de Assaré no interior da cidade no Ceará. Filho de agricultores Pedro Gonçalves e Maria Pereira da Silva, cresceu em um ambiente que marcou profundamente sua visão de mundo e sua produção poética. A vida do poeta foi marcada por privações desde cedo, perdeu a visão do olho direito precocemente aos quatro anos de idade.

Mas tarde, perdeu o pai quando tinha apenas oito anos, com a perda do pai, Patativa juntos com seus cinco irmãos tiveram que trabalhar duramente na lavoura para levar o sustento para família. Devido a sua responsabilidade desde cedo ele só frequentou a escola quando tinha 12 anos, durando apenas quatro meses, mesmo assim conseguiu aprender um pouco de leitura e escrita, surgindo assim, o interesse para poesia, a partir disso surgiu à vontade de adquirir uma viola para trabalhar como cantador e improvisador. tempos, depois foi descoberto pelo jornalista José Carvalho de Brito, o qual ajudou na publicação do seu primeiro livro.

Por volta dos seus vinte anos patativa passou a viajar por várias regiões do nordeste, se apresentado em rádio o que tornou conhecido em toda região, por volta do ano 1936 casou-se com Belarmina Paes Cidrão, dessa união estiveram nove filhos. Patativa deu uma pausa nas cantorias e começou a se dedicar na escrita de suas poesias, publicando seu primeiro livro intitulado inspiração nordestina em 1956, reunindo vários poemas que consagrou como poeta popular. Já em 1964 publicou o seu poema triste partida que foi musicalizado pelo rei do baião Luiz Gonzaga que deu notoriedade ao poeta.

Em 1965 o poeta publicou o poema “caboclo roceiro” em um jornal, devido o teor do conteúdo, patativa foi intimado a depor já que o poema contrariou os representantes da ditadura militar, já em 1972, o cantor Raimundo Fagner ajudou o poeta a publicar várias canções e poemas como; sina, vaca estrela e boi fubá. Além disso em 1984, participou ativamente do movimento diretas já que tinha como

finalidade que as pessoas estivessem o direito ao voto para presidente do Brasil. No ano seguinte o poeta, compositor gravou o disco Patativa do Assaré fazendo assim suas composições ultrapassaram os limites do Ceará sendo conhecido pelo Brasil.

Ao longo da sua trajetória, recebeu diversas homenagens e título sendo reconhecido como doutor honoris, também inspirou estudos acadêmicos, eventos culturais e documentários consolidando como um dos maiores símbolos da poesia cultural nordestina. Patativa faleceu aos 93 anos na cidade do Assaré em 8 de julho de 2002, sua morte foi profundamente sentida pelo povo nordestino e por todo Brasil que reconheceu nele uma das vozes mais autênticas e representativas da identidade cultural do país.

De acordo com a Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (2025), mesmo passados quase vinte anos de sua morte, ocorrida em 2002, Patativa do Assaré continua sendo uma fonte de inspiração para o povo cearense. Em reconhecimento a sua importância cultural, o Governo do Ceará instituiu a “Comenda Patativa do Assaré”, uma homenagem que, além de reverenciar o poeta, valoriza os artistas e defensores da arte e da tradição popular.

O poeta continua a inspirar sua gente na contemporaneidade, e essa permanência é simbolizada pela criação da “Comenda Patativa do Assaré”, honraria concedida àqueles que dedicam suas vidas à arte e à tradição popular. Essa iniciativa reforça o papel de Patativa como ícone da identidade cearense e nordestina, cuja obra traduz o sentimento, a fala e a resistência do sertanejo, diante das adversidades sociais e históricas.

Diante disso, mesmo após sua partida, suas obras continuam viva nas escolas, nos festivais de poesia na música popular e no coração do povo nordestino, seu legado é testemunha do poder da palavra e da arte popular, mas do que poeta, Patativa foi porta voz do sertão, como um símbolo fundamental da resistência cultural brasileira.

### **3.1 Principais influências artísticas e culturais**

Antônio Gonçalves da Silva, foi um dos maiores representantes da poesia popular brasileira no sertão do Ceará, o poeta conquistou o Brasil com sua sensibilidade, sabedoria, criando um profundo vínculo com o povo nordestino. Embora

fosse um homem simples e de pouca escolaridade, Patativa tornou-se um símbolo da literatura de cordel e da cultura popular.

Sua trajetória de vida foi marcada pela simplicidade, pelo trabalho na lavoura e pelo profundo amor pelo campo, como evidência Carvalho (1999) que um Patativa que ara e articula, que se perde, sol a pino, chapéu de palha, mãos calejadas, como se fosse um espantalho a atemorizar outros pássaros. Um Patativa que se esquecia da hora do almoço para não se esquecer de um verso que, depois, ganharia o suporte da folha do papel.

Conforme Carvalho, apresenta uma representação simbólica de Patativa do Assaré como figura que une o homem da terra e o poeta popular, articulando o trabalho braçal e o trabalho intelectual. A expressão *ara e articula* revela essa dualidade em que Antônio Gonçalves da Silva cultiva o solo com o mesmo empenho com que cultiva a palavra, demonstrando que sua poesia nasce da vivência no sertão.

Ademais, a poesia patativa incorpora elementos de narratividade típicos do cordel, como histórias de personagens comuns, provérbios, ditos populares e moralidades, criando uma literatura que é ao mesmo tempo educativa e culturalmente representativa.

Cascudo (2012) afirma que esta literatura, que seria limitada aos provérbios, adivinhações, contos, frases-feitas, orações, cantos, ampliou-se alcançando horizontes maiores. Sua característica é a persistência pela oralidade. A fé é pelo ouvir, ensinar. Nessa perspectiva, é possível identificar diversas influências culturais e artísticas que moldaram sua produção: a tradição oral, a Literatura de Cordel, o ambiente sertanejo, a religiosidade popular, a música regional e a consciência social.

Essas influências se completam formando o alicerce de uma poesia que é, ao mesmo tempo arte, denúncia e expressão de identidade de um povo. Além das manifestações culturais popular como as cantorias, os desafios de viola, os contos e as adivinhas, o qual desde criança Patativa esteve em contato com essa tradição oral.

Essa tradição oral se faz presente nas poesias de patativa considerado um elemento fundamental na literatura conforme Cascudo (2012, p. 50) cita que “essa literatura é viva, pulsante e resistente porque o povo a vive, partilha e preserva por meio da oralidade mesmo sem livros, ela tem sua beleza e valor cultural”. Mediante a isso, a oralidade é um elemento central da cultura popular, tornou-se a marca registrada de sua poesia, ele compunha e recitava versos com ritmo e musicalidade próprios do falar, como é o caso do Sertanejo.

Diante disso, a linguagem popular tem grande influência na poesia de Patativa do Assaré, pois ele utiliza a fala do sertanejo, com suas expressões regionais e ritmo oral, para valorizar a cultura nordestina e mostrar que o modo de falar do povo tem beleza e legitimidade poética. A linguagem é de extrema relevância como forma de expressão na poesia popular, pois “não é somente no vocabulário, mas também na sintaxe da língua, que o nosso povo exerce o seu inalienável direito de imprimir o cunho de sua individualidade ao instrumento das ideias” (Romero, 1997, p. 132 *apud* Nogueira, 2017, p. 179).

A linguagem nas poesias de Patativa é uma das marcas mais fortes de suas influências culturais e da memória popular nordestina. Ela reflete tanto a tradição oral quanto os modos de falar, pensar e sentir do povo sertanejo. Patativa transformou a fala cotidiana em arte, sem perder a simplicidade nem o tom de sabedoria regional. Ele mesmo afirmava que sua poesia era feita do jeito que o povo entende, pois o poeta serviu para ser a voz dos que não tinham voz isso fica evidente em muitos de seus poemas que serão trabalhados no próximo capítulo.

Outro aspecto importante da influência do cordel na poesia de Patativa é o uso do humor e da ironia, a tradição cordelista frequentemente utiliza esses recursos para tratar de questões sérias de maneira leve, criando um efeito que aproxima o leitor e facilita a reflexão crítica. Patativa incorpora essa estratégia em sua obra, realizando críticas sociais sutis, sátiras políticas e comentários sobre o comportamento humano, sempre com uma linguagem simples e direta.

Como cita Nogueira (2017, p.48):

Os poetas cordelistas, em sua grande maioria oriundos das camadas populares e sofridas do Nordeste brasileiro, utilizavam a poesia como uma ferramenta de denúncia, abordando questões como a opressão dos poderosos, a exploração do trabalhador rural, a falta de acesso a direitos fundamentais e a corrupção política.

Além do mais, grandes nomes da música brasileira, como Luiz Gonzaga e Raimundo Fagner, regravaram canções de Patativa. Isso comprova a influência e o reconhecimento de sua obra, tanto no meio literário quanto no musical, reforçando sua importância como poeta e representante da cultura nordestina. O poeta Patativa do Assaré possui uma obra poética registrada em livros e gravou o total de três discos, nos quais declama seus poemas e encontramos músicas que foram reproduzidas por outros cantores, como Luiz Gonzaga e Raimundo Fagner (Lima; Bezerra, 2021).

Ou seja, Patativa do Assaré incorporou na sua obra a riqueza formal, temática e estética do cordel, tornando-se um dos maiores expoentes da literatura popular brasileira, a tradição oral, a musicalidade, o humor, a crítica, social e a valorização da vida sertaneja são marcas registradas de sua poesia, que preserva e difunde a cultura nordestina.

Por meio de seus versos, Patativa não apenas entretém, mas também educa, denuncia e celebra, cumprindo o papel social que o cordel desempenha há séculos no Brasil. Sua obra permanece viva, transmitida oralmente e por escrito, inspirando novas gerações a valorizar a história, a memória e a identidade do povo do sertão.

### **3.2 Patativa e a preservação da memória e identidade nordestina**

A literatura popular nordestina representa uma das expressões mais autênticas da cultura brasileira, marcada pela oralidade, pela resistência e pela valorização da experiência cotidiana do povo sertanejo. Nesse contexto, a figura de Patativa do Assaré emerge como símbolo da voz do Nordeste, sendo reconhecido como poeta, cantador e defensor das tradições regionais.

Sua obra não apenas revela as dores e as esperanças do sertanejo, mas também preserva a memória coletiva e a identidade cultural de um povo historicamente marginalizado. Segundo Carvalho (1999.p.131) “Patativa trabalha a memória com "a essência da cultura", De acordo com Carvalho, a memória é a essência da cultura, ou seja, tudo aquilo que uma sociedade é, seus valores, costumes, crenças e modos de falar depende da capacidade de guardar e transmitir experiências coletivas”.

Nesse sentido, o regionalismo busca dar voz ao homem simples do campo, mostrando sua visão de mundo, seus sentimentos, valores e lutas e não apenas o espaço físico onde ele vive. Com base nisso, Ligia Chiappini (1995.p.157) conceitua “O regionalismo lido como uma tendência mutável onde se enquadram aqueles escritores e obras que se esforçam por fazer falar o homem pobre das áreas rurais, expressando uma região para além da geografia.

É exatamente isso que Antônio Gonçalves da Silva faz em sua poesia, ele fala pelo homem sertanejo, não como objeto de estudo, mas como sujeito de fala, alguém que expressa sua própria realidade, sua dor, fé, humor e sabedoria que está presente em seus versos. o sertão aparece como um espaço simbólico, que representa a

resistência, a dignidade e a identidade do povo nordestino. Portanto, a poesia de Patativa ultrapassa o regionalismo descritivo, ou seja, aquele que só mostra o cenário rural e se torna um regionalismo crítico e humano, que revela o homem nordestino como protagonista da própria história.

De acordo com; SECULT (2025)

Patativa foi porta-voz do povo excluído de seu tempo e denunciou as desigualdades sociais. Criou versos que retratavam a vida simples do homem do campo e preservou a oralidade de seus saberes profundos. Sua voz e sensibilidade única ultrapassaram as fronteiras do Ceará.

Sendo assim um criador de cultura, pois transforma lembranças coletivas em poesia viva, dando nova forma e sentido à identidade nordestina, a cultura popular, especialmente o cordel, a cantoria de viola e a poesia oral, desempenha um papel essencial na preservação dessa identidade. Esses gêneros funcionam como meios de transmissão de saberes, tradições e valores que atravessam diferentes gerações.

Conforme a secretaria da cultura (2025), a Secult Ceará reafirma o papel fundamental da cultura na salvaguarda da identidade do povo cearense. No aniversário de 116 anos de seu nascimento, Patativa do Assaré continua ecoando os fazeres e saberes de um povo, reafirmando a tradição e a memória dos nordestinos.

Perante isto, a obra de Patativa do Assaré insere-se nesse universo, traduzindo o olhar do sertanejo sobre a vida, o trabalho, a natureza e a fé. Sua linguagem, marcada pelo dialeto regional, pela musicalidade e pela crítica social, transforma o cotidiano do povo em poesia. Ao valorizar o modo de falar do sertão, o poeta rompe com o preconceito linguístico e legitima a voz popular como forma de saber.

A identidade cultural é aquele aspecto da identidade pessoal que se relaciona com o sentimento de pertencimento a uma cultura mais ampla, com a qual compartilhamos histórias, tradições, valores e significados, a identidade cultural diz respeito ao sentimento de pertencimento que os indivíduos desenvolvem em relação a um grupo cultural. esse vínculo é construído a partir do compartilhamento de elementos como histórias, tradições, valores e significados.

A identidade cultural, conforme Hall (2006), relaciona-se ao sentimento de pertencimento a uma cultura compartilhada, sendo constituída por elementos como tradições, valores, histórias, práticas religiosas, étnicas e linguísticas. O autor destaca que essa identidade não é fixa, mas construída historicamente e constantemente transformada pelas experiências sociais e culturais.

Para o autor, a identidade cultural não é algo fixo ou essencial, mas sim construída historicamente e sujeita a transformações ao longo do tempo, conforme os contextos sociais e culturais mudam. Ou seja, ela é resultado de um processo de identificação com certos aspectos culturais que nos constituem como sujeitos.

Diante disso, o objetivo principal da obra de Patativa não é a expressão individual do autor, mas sim a preservação da memória coletiva e a transmissão de valores culturais de um grupo. Como afirma Cândido (2006. P. 54) “na literatura dos grupos letrados talvez esta função prepondere, pesando mais do que na literatura erudita dos nossos dias, feita para a leitura individual e voltada antes para a singularidade diferenciadora dos indivíduos, do que para o patrimônio comum dos grupos”.

A partir dessa perspectiva, compreende-se que, enquanto a literatura erudita privilegia a subjetividade do escritor e a experiência individual do leitor, a literatura popular é criada e transmitida por pessoas de pouca instrução, atua como prática coletiva, transmitida oralmente, voltada para o cotidiano, a memória e os valores de um povo.

Nesse sentido, a poesia de Patativa do Assaré, sua obra nasce da oralidade e permanece profundamente enraizada na experiência do povo nordestino, especialmente do sertanejo trabalhador, cuja vida é marcada pela luta, pela fé e pela resistência. Patativa. Sua poesia permanece atual, não apenas como registro histórico, mas como ato político e cultural, capaz de inspirar novas gerações a reconhecer o valor de suas raízes. Assim, Patativa, transcende o papel de poeta popular tornando símbolo da resistência cultural e da força identitária do Nordeste, cuja voz ecoa como memória viva na literatura e na história do Brasil.

#### 4 METODOLOGIA

A pesquisa proposta adota uma abordagem metodológica de natureza bibliográfica e qualitativa, com o objetivo de compreender como os cordéis de Patativa do Assaré representam a cultura popular e a identidade regional nordestina. Conforme afirmam Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica não é uma simples repetição do que já foi dito ou escrito sobre determinado assunto, mas proporciona exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando-se inclusive a conclusões novas. Assim, revisitar a obra de Patativa possibilita lançar novos olhares sobre os elementos culturais que moldam a tradição do Nordeste.

A fundamentação teórica será construída a partir de artigos científicos, dissertações, teses e obras literárias que dialogam com o universo da literatura de cordel, com a trajetória de Patativa do Assaré e com estudos sobre cultura popular e processos de construção identitária no Nordeste brasileiro. O corpus selecionado reúne cordéis representativos da produção do poeta, escolhidos pela relevância temática e pela capacidade de expressar, de forma sensível e autêntica, aspectos fundamentais da identidade regional.

A escolha das poesias *Vida Sertaneja*, *Sou Cabra da Peste* e *Cante Lá que Eu Canto Cá*, justifica-se pelo forte caráter simbólico e pela representatividade cultural presentes em cada uma delas. Esses textos retratam elementos centrais da vida sertaneja, o cotidiano, as dificuldades socioeconômicas, a religiosidade popular, a relação com a terra, a resistência e as tradições, oferecendo um panorama significativo da realidade nordestina. Além disso, permitem compreender como o cordel atua simultaneamente como instrumento de denúncia social, afirmação identitária e valorização das manifestações culturais do povo.

A análise dos poemas será realizada por meio de uma leitura crítica e interpretativa, considerando os elementos temáticos, linguísticos, simbólicos e sociais que revelam o enraizamento cultural presente na obra do poeta. A organização dos dados ocorrerá de forma sistemática, buscando construir uma interpretação que evidencie como a poesia de Patativa reforça a identidade nordestina e valoriza a cultura popular enquanto expressão de resistência, pertencimento e memória coletiva.

A definição do corpus segue três critérios principais: Diversidade temática, priorizando cordéis que abordem diferentes aspectos da experiência nordestina; Autoria, destacando a relevância de Patativa do Assaré enquanto referência da poesia popular brasileira, Representatividade cultural e estrutura literária, valorizando a

riqueza da linguagem, do estilo e das rimas que caracterizam a tradição da literatura de cordel.

A relação entre os cordéis escolhidos e os conceitos discutidos ao longo da pesquisa evidencia não apenas a riqueza cultural da obra de Patativa, mas também a importância social do cordel enquanto ferramenta de resistência e preservação da identidade nordestina. Dessa forma, a análise proposta busca demonstrar como a literatura de cordel reflete as condições de vida do povo do Nordeste e reafirma seu papel enquanto memória social, expressão artística e patrimônio cultural do Brasil.

## 5 REPRESENTAÇÕES DO NORDESTE NA POESIA DE PATATIVA DO ASSARÉ

### 5.1 Vida sertaneja: o cotidiano regional e religiosidade

A poesia de Patativa do Assaré é marcada pela profunda ligação com o sertão nordestino e com as vivências do cotidiano simples do povo do sertão, em seus versos o poeta cearense retrata com sensibilidade a vida do homem do campo, suas lutas, esperanças e fé, a poesia *vida sertaneja* é exemplo marcante dessa da representação.

*Sou/ma/tu/to/ser/ta/ne/jo,  
Da/que/le/ ma/tu/to/ po/bre  
Que /não/ tem /ga/do/ nem/ quê/jo,  
Nem/ ôro,/ pra/ta/, nem /co/bre.  
Sou/ ser/ta/ne/jo/ ro/cê/ro,  
Eu /tra/ba/í/o o/ dia/ in/tê/ro,  
Que/ seja/ in/ver/no ou/ ve/rão.  
Mi/nhas/ mão/ é/ ca/le/ja/da ,  
Mi/nha/ péia /é/ bron/ze/a/da  
Da/ quin/tu/ra /do/ sert/ão.*

A poesia descreve a vida do sertanejo e sua dura realidade no sertão, mas com uma forte resiliência, o "matuto sertanejo" é apresentado como alguém que trabalha incansavelmente, sob condições adversas, seja no calor intenso ou nas dificuldades da vida cotidiana, o poeta, por meio de sua própria voz, revela as mazelas dessa vida simples, mas também expressa um orgulho pela sua origem.

O cotidiano do trabalhador rural é claro nos versos, "mãos calejadas, corpo endurecido pelo trabalho exaustivo, a pobreza é mencionada de forma direta, "não tem gado nem quêjo, nem ôro, prata nem cobre", mas a falta de bens materiais não significa uma vida sem valor ou significado. O "trabaio o dia intêro" e a referência à labuta diária, são elementos que conectam o poeta com a luta e a resistência de seu povo.

O poeta nordestino, por ser filho da pobreza canta não a glória ou os feitos heroicos, mas as dificuldades e os sonhos simples de seu povo. Ele afirma: "Só sei cantá minhas mágua / E as mágua de meus irmãos", revelando que a arte popular

muitas vezes nasce da dor e da falta, mas também da solidariedade entre os que compartilham a mesma experiência e dificuldades. Sendo, assim essa poesia traduz com precisão aquilo que José Machado Pais identifica:

O quotidiano seria o que no dia-a-dia se passa quando nada se parece passar. Mas só interrogando as modalidades através das quais se passa o quotidiano - modalidades que caracterizam ou representam a vida passante do quotidiano nos damos conta de que é nos aspectos frívolos e anódinos da vida social que encontramos condições e possibilidades de resistência que alimentam a sua própria rotura (Pais, 2003, p. 28).

Como cita Pais, o cotidiano não é um espaço de passividade, mas um território onde, sob a aparência de rotina, emergem gestos, práticas, linguagens e saberes que sustentam a possibilidade de ruptura social. É nesse mesmo universo que Patativa inscreve sua voz poética o sertanejo, o trabalho na roça, a pobreza, o clima e a fé que compõem um repertório de experiências profundamente significativas.

Isso fica evidente em mais uns de seus versos "Canto a vida desta gente / Que trabaia inté morrê / Surrindo, alegre e contente." Aqui, o sorriso e a alegria parecem ser uma forma de demonstrar que o povo sertanejo vive apenas momentos de lutas, mas também vivem momentos felizes na simplicidade. A figura do "forte cabôco" que enfrenta o "tôro" com coragem é uma das imagens mais poderosas da poesia.

Esse cabôco, com "gibão e chapéu de côro", simboliza o homem do sertão, um herói simples que não busca reconhecimento, mas enfrenta os desafios da vida com coragem e determinação. Além disso, a menção às festas de São João e às "bela foguêra" evoca o caráter festivo e comunitário das celebrações no Nordeste, um momento de união e alegria. celebrando no sertão nordestino sua essência cultural, retratando elementos típicos da vida no interior como o vaqueiro, as festas juninas e as tradições orais.

*Eu canto o forte cabôco,  
De gibão e chapéu de côro,  
Que, com corage de lôco,  
Infrenta a raiva do tôro  
Com um agudo ferrão.  
E das noite de São João  
Eu canto as bela foguêra  
Com seu fogo milagroso,  
Segredo misterioso Das  
moça casamentêra.*

Outro aspecto importante é a religiosidade, no contexto do poema não aparece de forma explícita, mas sim através de e símbolos que remete a religiosidade, como o “fogo milagroso das fogueiras de São João”, remete ao caráter sagrado e ritual das festas juninas, que embora festivas possuem origens religiosas ligadas à devoção aos santos católicos especialmente São João, Santo Antônio e São Pedro. O fogo, elemento central nessas celebrações, simboliza a fé e a tradição dessas festividades presente em todo Nordeste.

*Eu canto o sertão querido,  
A fonte dos meus poema,  
Onde se iscuta o tinido Do  
grito da sariema  
E onde o sertanejo véio  
Observa os Evangéio  
E nas noite de luá,  
Sirrindo, alegre e ditoso,  
Conta istora de Trancoso Para  
o seu neto iscutá.  
(Patativa do Assaré)*

Além do mais, o poeta menciona o sertanejo “véio” que “observa os Evangéio”, Quando a esposa do sertanejo morre no parto, ele afirma resignado, “Foi Deus que ditriminou” Esse verso revela a visão religiosa que resignifica a dor como vontade divina ao mesmo tempo em que preserva histórias de Trancoso, essa religiosidade é afetiva, cotidiana e explicativa, constituindo o que chamam de religiosidade popular, uma fé que se vive na prática.

Essa poesia representa o homem simples, de sabedoria popular, cuja religiosidade não se manifesta apenas nos rituais, mas também em sua forma de viver, falar e compreender o mundo. A religiosidade presente como a leitura dos evangelhos é vista como prática cotidiana e como forma de manter viva a ligação com Deus, mesmo diante das dificuldades da vida sertaneja.

Essa poesia exemplifica plenamente o conceito de religiosidade popular apresentado por Matias e Alves, pois revela um povo cuja fé se mantém viva justamente por meio da tradição oral, da convivência familiar e do enraizamento cultural que passa dos avós para os netos.

Por retratar aspectos da religião, dá fé presente no povo nordestino. Pode-se dizer que "é a expressão religiosa de um povo, que acontece pela transmissão de avós para netos, de pais para filhos, com orações e devocionários. Através disso, perpetua a tradição e a expressão popular de fé (Matias; Alves, 2016, p. 3).

Sendo assim uma religiosidade que uni todas as manifestações religiosas e cultural, que mistura elementos da fé católica com tradições locais como, a festa junina, lendas e superstições que está profundamente enraizada em suas práticas culturais, manifestando-se tanto nas festas e nas orações quanto nas narrativas orais, como as "istora de Trancoso", que mesclam moral, fé e imaginação e histórias passadas em geração.

No que se trata dos elementos estruturais a linguagem tem um tom de conversa, como se o eu lírico estivesse sentado à sombra de um juazeiro, dividindo com o leitor memórias do roçado da lida diária e dos desafios da vida no campo, a simplicidade das palavras não empobrece o texto pelo contrário, aproxima da realidade do sertanejo traduzindo sua força e sua fé.

## 5.2 Sou cabra da peste: orgulho regional e resistência cultural

A poesia *Sou Cabra da Peste*, apresenta uma forte marcação regionalista, constitui-se como um exemplo expressivo da literatura nordestina voltada à afirmação identitária e da valorização cultural por meio de uma linguagem marcada por regionalismos, em seus versos carregadas de imagens simbólicas do Ceará construindo um discurso que articula orgulho regional e resistência cultural.

*Eu/ sou /de /uma/ terra /que /o/ povo/ pa/dece  
 Mas/ nunca/ esmorece, procura vencê,  
 Da terra adorada, que a bela caboca  
 De riso na boca zomba no sofrê.  
 Não nego meu sangue, não nego meu nome,  
 Olho para fome e pergunto: o que há?  
 Eu sou brasileiro fio do Nordeste,  
 Sou cabra da peste, sou do Ceará.  
 Tem munta beleza minha boa terra,  
 Derne o vale à serra, da serra ao sertão.  
 Por ela eu me acabo, dou a própria vida,  
 É terra querida do meu coração.*

*Meu berço adorado tem bravo vaquêro  
 E tem jangadêro que domina o má. B  
 Eu sou brasileiro fio do Nordeste,  
 Sou cabra da peste, sou do Ceará.  
 Ceará valente que foi munto franco  
 Ao guerrêro branco Soare Moreno,  
 Terra estremecida, terra predileta  
 Do grande poeta Juvená Galeno.  
 Sou dos verde mare da cô da esperança,  
 Que as água balança pra lá e pra cá.  
 Eu sou brasileiro fio do Nordeste,  
 Sou cabra da peste, sou do Ceará.  
 Ninguém me desmente, pois, é com certeza, A Quem  
 qué vê beleza vem ao Cariri,  
 Minha terra amada pissui mais ainda,  
 A muié mais linda que tem o Brasí.  
 Terra da jandaia, berço de Iracema,  
 Dona do poema de Zé de Alencá.  
 Eu sou brasileiro fio do Nordeste,  
 Sou cabra da peste, sou do Ceará.*

No primeiro verso o eu lírico diz que vem de uma terra “que o povo padece”, evidenciando as dificuldades comuns do sertão como, seca, pobreza, trabalho duro é uma maneira de mostrar que a realidade dessa região é marcada por desafios sociais. Já no segundo verso “mas nunca esmorece, procura vencê”. Isso significa que, mesmo com tantos problemas, o povo do sertão não desiste, há atitude de coragem, persistência e esperança de “vencer”, aqui simboliza superar as dificuldades do dia a dia, manter a dignidade e lutar por uma vida melhor.

A figura “Sou cabra da peste” é uma representação histórica do nordestino como sujeito resistente, valente e persistente diante das adversidades climáticas, econômicas e sociais. Essa representação simbólica aparece constantemente na poesia, sobretudo quando a voz poética afirma: “Eu sou brasileiro fio do Nordeste, sou cabra da peste, sou do Ceará”, fica evidente o orgulho de pertencer a cidade do Ceará.

O orgulho regional aparece intensamente na poesia, especialmente quando o eu lírico reafirma repetidamente: “Eu sou brasileiro fio do Nordeste, sou cabra da peste, sou do Ceará”. Essa concepção se relaciona com o conceito de Chiapini (1995) que

afirma o regionalismo lido como uma tendência mutável onde se enquadram aqueles escritores e obras que se esforçam por fazer falar o homem pobre das áreas rurais, expressando uma região para além da geografia, é uma tendência que tem suas dificuldades específicas.

Sendo assim, o texto constrói um eu lírico que expressa orgulho identitário, consciência de sua origem e valorização da cultura nordestina, ao apresentar elementos do cotidiano, da linguagem regional e da identidade sertaneja, o poema dá voz ao homem simples do campo, inscrito nas condições duras do sertão, mas também portador de força, dignidade e resistência. Uma forma de escrita que não se limita a retratar apenas o local, mas reivindica o valor simbólico, cultural e histórico de uma região dentro da diversidade nacional. Ao se proclamar “cabra da peste”, o eu poético recupera uma figura histórica do sertão o sujeito valente, persistente, orgulhoso de sua origem e capaz de enfrentar dificuldades extremas sem perder sua dignidade.

A linguagem utilizada marcada por expressões regionalista, "sou cabra da peste", “fio do Nordeste” como afirmações de identidade e resistência, aqui as palavras se tornam bandeira, cada verso é uma declaração de orgulho, um grito que celebra a força de um povo que apesar da seca e das dificuldades, permanece de pé. Outro aspecto significativo é a valorização histórica e literária, como se vê em “Terra estremecida, terra predileta / do grande poeta Juvená Galeno” e em “Berço de Iracema, dona do poema de Zé de Alencá”. Esses versos demonstram que o orgulho regional não é apenas sentimental, mas também fundamentado na relevância cultural e intelectual do estado onde apresenta autores de grandes renomes.

Ao citar figuras como Juvenal Galeno ou símbolos regionais como Iracema, o poema articula tradição, literatura e história como pilares da identidade cearense. Assim, “Sou Cabra da Peste” apresenta o nordestino como sujeito resistente, orgulhoso e consciente de sua história, a poesia articula, de forma exemplar aquilo que valorizar a cultura local como forma de resistir ao apagamento e afirmar a dignidade do povo.

### **5.3 Cante lá que eu canto cá: diálogo entre oralidade e identidade popular**

Essa poesia, de Patativa do Assaré, é um marco da literatura popular nordestina, caracterizada por unir oralidade e identidade popular. Em *Cante lá que eu canto cá*, o poeta estabelece um diálogo poético entre dois mundos com o poeta

urbano e o do sertão que simbolizam, correspondentemente ao saber erudito e o saber popular.

*Poeta, cantô de rua,  
Que na cidade nasceu,  
Cante a cidade que é sua,  
Que eu canto o sertão que é meu*

*Se aí você teve estudo,  
Aqui, Deus me ensinou tudo,  
Sem de livro precisá  
Por favô, não mêxa aqui,  
Que eu também não mexo aí,  
Cante lá, que eu canto cá.*

*Você teve indução,  
Aprendeu munta ciência,  
Mas das coisa do sertão  
Não tem boa esperiência.  
Nunca fez uma paioça,  
Nunca trabaçou na roça,  
Não pode conhecê bem,  
Pois nesta penosa vida,  
Só quem provou da comida  
Sabe o gosto que ela tem.*

*Cante lá que eu canto cá*, é uma das mais potentes expressões da identidade popular nordestina e do orgulho de pertencer a região do Nordeste. Desde os primeiros versos, Patativa, constrói uma contestação simbólica entre dois modos de vida, entre o poeta do sertão, representante da cultura popular e o poeta urbano símbolo da cultura letrada. “Poeta, cantor de rua / Que na cidade nasceu / Cante a cidade que é sua / Que eu canto o sertão que é meu”.

A identidade cultural, conforme Hall (2006), relaciona-se ao sentimento de pertencimento a uma cultura compartilhada, sendo constituída por elementos como tradições, valores, histórias, práticas religiosas, étnicas e linguísticas. Sendo assim, a linguagem se transforma em instrumento de diálogo. Patativa estabelece uma conversa, quase um desafio poético entre o saber erudito e o saber popular. A

oralidade aparece aqui como ponte entre esses dois mundos, revelando que a simplicidade do sertanejo também carrega sabedoria.

Ao declamar “Cante lá que eu canto cá”, percebe-se que é uma das mais potentes expressões da identidade popular nordestina e do orgulho de pertencer a região do Nordeste. Desde os primeiros versos, Patativa, constrói uma contestação simbólica entre dois modos de vida, entre o poeta do sertão, representante da cultura popular, e o poeta urbano símbolo da cultura letrada. “Poeta, cantor de rua / Que na cidade nasceu / Cante a cidade que é sua / Que eu canto o sertão que é meu”. O eu lírico afirma sua autonomia cultural, reivindicando o direito de falar de seu próprio espaço o sertão com legitimidade.

A repetição de “cante lá que eu canto cá” funciona como refrão de resistência, marcando a identidade autônoma do povo sertanejo, que não precisa do olhar do “doutor” para se representar. O sertão, por sua vez, é o espaço da resistência, da experiência e da oralidade, aonde o conhecimento não vem dos livros, mas da convivência com a terra e com o sofrimento. Ainda seguindo o conceito de Hall(2006), destaca que essa identidade não é fixa pelo contrário, trata-se de uma construção histórica, dinâmica e constantemente transformada pelas mudanças sociais, pelos deslocamentos culturais e pelas vivências que atravessam os sujeitos. Assim, a identidade cultural não se define por uma essência imutável, mas por um processo contínuo de identificação com determinados aspectos simbólicos que dão sentido à experiência coletiva.

Com base nisso, a autenticidade do poeta popular, segundo Patativa, vem da vida dura do sertanejo, da convivência com a seca, a pobreza e o trabalho pesado. “Pra sê poeta deveria / Precisa tê sofrimento. "Aqui, Patativa associa a verdadeira poesia à vivência da dor e da resistência, é isso que dá verdade e intensidade as suas poesias que não nasce do luxo, mas da luta. “Com o seu verso bem-feito / Não canta o sertão direito / Porque você não conhece / Nossa vida apertada / E a dor só é bem cantada / Cantada por quem padece”.

*Sua rima, inda que seja  
Bordada de prata e de ôro,  
Para a gente sertaneja É  
perdido este tesôro.  
Com o seu verso bem feito,*

*Não canta o sertão direito,  
Porque você não conhece  
Nossa vida aperreada.  
E a dô só é bem cantada,  
Cantada por quem padece.*

Patativa do Assaré denuncia a apropriação da voz sertaneja por parte de poetas urbanos e intelectuais que, mesmo bem-intencionados, descrevem o sertão sem conhecê-lo de dentro, sem ter partilhado suas dores, suas faltas e sua sabedoria. Essa crítica é explicitada quando o eu lírico afirma: "Com o seu verso bem-feito / Não canta o sertão direito / Porque você não conhece / Nossa vida apertada / E a dor só é bem cantada / Cantada por quem padece."

Nesse sentido, um porta-voz autêntico do seu povo, porque compartilha a sua realidade "Pra gente cantá o sertão / Precisa nele morar / Tê almoço de feijão / E a janta de mucunzá." A expressão mucunzá, alpargata, enxada - reafirma que a legitimidade do discurso nasce da experiência concreta, não da teoria. Patativa constrói uma poética da vivência, em que o conhecimento do sertão é um saber corporal, cotidiano, aprendido pela convivência e lutas.

Nessa perspectiva, Patativa é um poeta que nasce justamente dessa tradição oral, seus versos carregam o ritmo da fala do sertão, a linguagem marcada pela oralidade e o saber popular transmitido de pai para filho, de avô para neto de comunidade para comunidade. Conforme Cascudo (2012, p.185), "A Literatura oral é mantida e movimentada pela tradição. E uma força obscura e poderosa, fazendo a transmissão, pela oralidade, de geração a geração".

Essa concepção se relaciona profundamente com essa poesia pois o poeta afirma sua forma própria de "cantar", ele reforça a legitimidade dessa herança cultural que não depende da escrita erudita para existir. Seu canto se inscreve na continuidade da tradição oral, reafirmando a identidade do povo nordestino e mostrando que sua poesia é expressão de um modo de vida, de uma memória coletiva e de uma história que se mantém viva pela força da transmissão oral.

Dessa forma, a obra de Patativa exemplifica como a literatura oral não apenas preserva tradições, mas também afirma identidades. Em "Cante lá que eu canto cá", o poeta demonstra que seu canto nasce dessa força ancestral que passa pela voz e não pelo papel, revelando a vitalidade da cultura popular nordestina e sua capacidade de resistir, se transformar e permanecer ao longo das gerações.

Assim, ao mesmo tempo em que defende o seu espaço de fala, o poeta não rejeita o outro ele apenas delimita os lugares da fala e do saber. "Por favôr, não mêxa aqui / Que eu também não mêxo aí / Cante lá que eu canto cá" expressa essa ética da diferença que cada um deve cantar aquilo que conhece, aquilo que vive.

Com isso, Patativa inverte a lógica da dominação cultural em o sertão sempre foi visto como espaço de atraso, passa a ser fonte de sabedoria e autenticidade, enquanto a cidade, símbolo do progresso e da educação formal sendo assim, o poeta urbano "não canta o sertão direito", Patativa está denunciando não apenas uma diferença de linguagem, mas uma diferença de posição social em que o poeta do sertão canta o que sente.

Com base nisso, a igualdade essencial entre o homem simples e o homem letrado apesar das diferenças, o poeta sertanejo reconhece uma igualdade espiritual entre ele e o homem da cidade, ambos compartilham da humanidade e do amor por escrever sobre suas regiões isso fica evidente no trecho "Eu não posso lhe inveja / Nem você inveja eu / O que Deus lhe deu por lá / Aqui Deus também me deu". Aqui mostra que embora as condições materiais sejam diferentes, há um elo em comum que une os dois.

*Eu não posso lhe inveja  
Nem você inveja eu  
O que Deus lhe deu por lá  
Aqui Deus também me deu  
Pois minha boa muié  
Me estima com muita fé  
Me abraça, beja e que bem  
E ninguém pode nega  
Que das coisa natural  
Tem ela o que a sua tem.*

Portanto "Cante lá que eu canto cá" pode ser lido como um manifesto pela autonomia simbólica da cultura popular, em que o autor afirma que o verdadeiro canto do povo só pode vir da própria voz do povo. "Pra gente aqui sê poeta / E fazê rima completa / Não precisa professô / Basta vê no mês de maio / Um poema em cada gaio / E um verso em cada fulô." Essa estrofe é uma síntese da poética Patativa, em que a arte popular nasce da espontaneidade da vida como uma flor no galho.

*Mas porém, eu não invejo*

O grande tesôro seu,  
 Os livro do seu colejo, Onde  
 você aprendeu.  
 Pra gente aqui sê poeta  
 E fazê rima completa,  
 Não precisa professô;  
 Basta vê no mês de maio,  
 Um poema em cada gaio  
 E um verso em cada fulô.

#### 5.4 Síntese de elementos culturais sociais e histórico nas poesias

As poesias *Sou cabra da peste*, *Cante de lá que canto de cá* e *Vida sertaneja*, apresentam um conjunto denso de elementos culturais, sociais e históricos que permitem compreender o sertão nordestino como espaço simbólico, político e identitário. Mais do que simples representações regionais, essas poesias constroem uma visão crítica e profunda sobre a vida do homem do rural valorizando sua voz, sua memória e seus modos de existência.

Cada verso, à sua maneira, transforma a experiência sertaneja em discurso poético consistente, no qual oralidade, resistência e tradição se tornam pilares fundamentais em “Vida sertaneja”, é marcada pela oralidade e pela consciência social, o eu lírico se apresenta como sujeito coletivo, “Sou matuto sertanejo”, “Sou poeta nordestino”, assumindo para si a responsabilidade de representar uma classe historicamente silenciada que são os trabalhadores rurais pobres.

O uso de expressões como “cantá”, “gulora” ou “mágua” não é apenas recurso estilístico, mas uma afirmação estética da fala popular, nesse sentido, a linguagem deixa de ser vista como desvio e passa a expressar identidade cultral. Patativa desloca o centro da narrativa literária para a realidade material dos que sofreram com a fome, a seca e a desigualdade, sua poesia se transforma em instrumento de denúncia, testemunho e valorização de vidas invisibilizadas.

Já *Sou cabra da peste*, figura muitas vezes estigmatizada, surge aqui como símbolo de força moral, coragem e dignidade, o eu lírico se afirma a partir de uma identidade o orgulho de ser “cabra da peste”, a poesia confronta estereótipos construídos sobre o nordestino, vistos por muito tempo como atrasados, rústicos ou inferiores e os converte em marca positiva de resistência. Assim, o poema revisita um

imaginário coletivo profundamente enraizado, dando ao sertanejo um lugar de protagonismo.

Em *Cante lá que eu canto cá*, Patativa do Assaré contrapõe o mundo urbano ao sertanejo para mostrar que a cultura do Nordeste tem valor próprio, usando oralidade, linguagem popular e referências ao trabalho e à vida no sertão, o poeta afirma a identidade nordestina e denuncia o preconceito social e cultural. Em um contexto de pobreza, seca e desigualdade aparece como marca da realidade sertaneja, mas também como fonte de força, criatividade, assim a poesia celebra o direito do povo do sertão de cantar e existir com sua própria voz.

Os três poemas dialogam diretamente com tradições do regionalismo literário, especialmente aquele que busca representar o homem pobre das áreas rurais sob uma perspectiva ética e crítica. Como afirma Ligia Chiappini, o regionalismo mais maduro não se limita a folclorizar o sertão, mas pretende dar voz aos sujeitos marginalizados e revelar a complexidade de suas realidades. É exatamente isso que ocorre nessas obras, o sertão deixa de ser mero cenário para se tornar território simbólico, marcado por lutas, práticas culturais e estratégias de sobrevivência.

Ao trazer para o centro da literatura figuras como o vaqueiro, o matuto, o cantador e o trabalhador rural, os poemas afirmam que esse povo não é resíduo da história, mas protagonista de sua própria trajetória. Historicamente, o sertanejo aparece como sujeito atravessado pelas memórias de seca, desigualdade e migração, mas também como agente ativo na preservação de sua cultura. Dessa forma, os três poemas constroem uma imagem e profunda da vida nordestina, afirmando que apesar das adversidades históricas, o povo do sertão mantém viva uma identidade marcada pela força, pelo orgulho e pela capacidade de transformar dor em poesia.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como finalidade analisar de que forma as poesias de Antônio Gonçalves da Silva, representam o povo nordestino e contribuem para a construção e afirmação da identidade regional. Neste sentido, buscou-se compreender como o poeta, por meio da literatura de cordel, transforma a experiência cotidiana do sertão em expressão cultural, histórica e social, revelando a riqueza da cultura popular nordestina. O método utilizado foi uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, que possibilitou identificar, nas obras analisadas, elementos simbólicos e expressivos que compõem a identidade do sertanejo e revelam sua força, resistência e dignidade.

A análise das poesias *Sou Cabra da Peste*, *Vida Sertaneja* e *Cante lá que eu canto cá* evidenciou aspectos fundamentais da representação do nordestino nas obras de Patativa. Em *Sou Cabra da Peste*, observou-se a exaltação do orgulho regional, no qual o poeta apresenta o sertanejo como sujeito corajoso, persistente e plenamente consciente de seu valor. Já em *Vida Sertaneja*, foram identificados elementos que destacam o trabalho na roça, a luta contra a seca, a religiosidade popular e a solidariedade comunitária, demonstrando como o cotidiano do sertão se torna espaço de resistência e afirmação cultural.

Por sua vez, *Cante lá que eu canto cá* permitiu compreender a oposição simbólica entre a cultura urbana e a cultura do sertão, revelando a autonomia do povo nordestino e a legitimidade de sua própria voz, de seus saberes e tradições. Foi possível constatar que a representação do povo nordestino presente nas poesias desafia estereótipos sociais e concepções preconceituosas que historicamente associaram o Nordeste ao atraso e à miséria.

Patativa constrói uma imagem marcada por força moral, sabedoria popular, humor e dignidade, ressaltando a capacidade de resistência frente às adversidades. O poeta apresenta o sertanejo como agente ativo de sua própria história, que enfrenta dificuldades com coragem, valoriza suas raízes, mantém viva sua cultura e se reconhece como parte fundamental da identidade brasileira.

Dessa forma, o objetivo geral deste estudo foi plenamente alcançado quanto aos objetivos específicos, observou-se que Patativa representa a identidade nordestina utilizando uma linguagem marcada pela oralidade, pelo regionalismo e pela expressividade própria do cordel. Essas características não apenas reforçam a

autenticidade do discurso poético, mas também aproximam leitores e ouvintes da realidade sertaneja.

No que diz respeito aos aspectos culturais e históricos, a análise demonstrou que as poesias revelam elementos como o trabalho no campo, a seca, a migração, a fé popular e os laços comunitários, que juntos compõem o imaginário e o modo de vida do povo do sertão. Além disso, constatou-se que Patativa desconstrói estereótipos de inferiorização ao valorizar a identidade regional, elevando as experiências do cotidiano à condição de patrimônio cultural.

A investigação também mostrou que a obra de Patativa desempenha papel essencial na valorização identitária do Nordeste, pois suas poesias influenciam diretamente a forma como o nordestino se vê e como é visto socialmente. Ao transformar a vivência popular em literatura, o poeta fortalece a autoimagem do seu povo, preserva tradições e ressignifica elementos historicamente marginalizados.

Dessa forma, conclui-se que este trabalho contribui para as discussões sobre literatura, cultura popular e identidade regional, bem como para os estudos dedicados à obra de Patativa do Assaré. Ademais, a pesquisa evidencia a relevância de análises que aproximem literatura e sociedade, demonstrando como a poesia popular pode atuar como instrumento de memória, resistência e valorização cultural. No entanto, este estudo analisado apenas três poesias abre espaço para que novas pesquisas ampliem o corpus e aprofundem a compreensão sobre a representação identitária e cultural na obra de Patativa.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cordel português/folhetos nordestinos: confrontos um estudo histórico-comparativo**. Tese de Doutorado, 1993.

BEZERRA, Luís André. **O Berro**: “Sou cabra da peste”, poema de Patativa do Assaré. Disponível em: <https://share.google/1auKu3QCISDHs9cXq>; Acesso em: 20. nov. 2025.

BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL DO CEARÁ. **Especiais listas de notícias S. 116 anos de Patativa do Assaré: o eterno canto do sertão**. 5 de março de 2025 - 16:19., disponível: <https://share.google/pBjVU88uZl0imJxTn>. Acesso em: 26/10/2025. Acesso em: 20. nov. 2025.

CANDIDO, Antônio. **Crítica e sociologia: Literatura e sociedade**. 9. Ed. Ver. Pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARVALHO, Francisco Gilmar Cavalcante de. **Patativa do Assaré: natureza e cultura**. 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Global, 2006.p.50.

CHIAPPINI, Lígia. **Literatura e identidade nacional**. São Paulo: Ática, 1995. p 156.

DA SILVA, Amanda Muniz. A trajetória da literatura de cordel no Brasil: das feiras às mídias digitais. **Verbum**, v. 12, n. 2, p. 6-31, 2023.

DE SOUSA, Elisete Melo et al. Literatura de cordel nas mídias sociais: espaço de produção e encontros. FREITAS, Laiane Lima; BEZERRA FILHO, Feliciano José. A literatura de cordel e canção em Patativa do Assaré. **Revista Desenredos**, v. 13, n. 36, p. 32-41, 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de cordel: do sertão à sala de aula** Marco Haurélio. São Paulo: Paulus, 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2025.

MACHADO PAIS, J. Nas rotas do cotidiano. **Revista crítica de ciências sociais**, n. 37, p. 105-115, 1993.

MATIAS, Joelson Fidelis; ALVES, José Hélder Pinheiro. Religiosidade na Literatura de Cordel: Representações de fé em "o homem mais importante aos olhos do senhor", de Janduhi Dantas. In: **Encontro Nacional De Literatura Infanto-Juvenil E Ensino**, Campina Grande, PB. Anais. Campina Grande: Editora Realize, 2016. NEVES, Francisco Paiva. **Literatura de Cordel: Origens e Perspectivas Educacionais / Francisco Paiva Neves**. - 2018.

NOGUEIRA, Renata Carvalho. A poética popular e social de Patativa do Assaré. **Letras**, n. 55, p. 173-193, 2017.

SANTANA, Frederico Heberth Carvalho de. **História e direito [recurso eletrônico]:** a literatura de cordel como instrumento para (in) formação da cidadania / Frederico Heberth Carvalho de Santana, 2025.

SEABRA, Flávia Thaís dos Santos et al. **A influência dos folhetos de cordel no movimento armorial e nas obras de Ariano Suassuna (1970)**, 2023.